

OS BURACOS DA EDUCAÇÃO NO MÉTODO AVALIATIVO

Caroline CAPELLARI
Raquel Mignoni de OLIVEIRA
Universidade de Passo Fundo

[...] vós nos destes a missão de ensinar para as mais temíveis inimigas de qualquer educador: a arrogância, a indiferença e a ignorância.
Rildo Cosson, “A fábula do imperador chinês”

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir lacunas existentes na educação, bem como a maneira como os professores avaliam seus alunos, os métodos utilizados e a importância que isso representa na formação de novos cidadãos. Outro aspecto apontado pelo presente trabalho refere-se à formação linguística discente, cuja relevância encontra-se na busca por formas de realizar o “diferente” em sala de aula, quebrando o ensino tradicional. A partir de entrevistas com duas professoras de Língua Portuguesa e Literatura procurou-se investigar como elas realizavam o processo avaliativo com seus alunos.

Palavras chaves: professor, avaliação, metodologia, conhecimento linguístico.

1 INTRODUÇÃO

Analisa-se neste artigo, a partir de uma entrevista com duas professoras de ensino médio e fundamental das áreas de Língua Portuguesa e Literatura de uma escola estadual, como são feitas, que critérios são utilizados e qual é a importância das avaliações. A partir dessa discute-se o que é mais importante: a avaliação ou a nota que se dá para o aluno? Será que o aluno merece

realmente essa nota? Afinal, a educação vem sofrendo sérias consequências por causa da má qualidade de ensino, mas porque se ensina mal, se, atualmente, há subsídios para se fazer um bom trabalho em sala de aula? Através disso, será constatada se as professoras ensinam de forma tradicional ou de forma inovadora e porque elas optam por tal maneira de trabalhar e avaliar, mostrando o que isso reflete para os estudantes e principalmente, se o conhecimento de mundo dos alunos influencia no ensino – aprendizagem dele. Além disso, será discutido se é possível ensinar de forma inovadora, desconstruindo a forma tradicional, sabendo qual é o papel do professor em sala de aula.

2 LACUNAS NA EDUCAÇÃO

A educação de um modo geral está decaindo-se por uma série de fatores. Entre eles há a desmotivação dos professores e dos alunos, a precariedade no ensino, a má remuneração e, também, a má formação dos docentes.

Diante desses fatores e da entrevista feita com as professoras percebe-se que os mestres perderam a vontade de ensinar e os alunos de aprender, pois esses argumentam que são mal pagos e que não têm tempo para preparar as aulas, por esta razão, acabam por ensinar de forma tradicional, sem um contexto, uma globalização, o que afeta na aprendizagem destes jovens e crianças. Afinal, os alunos se desmotivam ao serem ensinados como “animais de estimação”, ou seja, de forma repetitiva e metódica, sem a mínima interação. As professoras reconhecem isso, afirmam que essa é uma das falhas que há na educação, dizem que até procuram fazer diferente, mas os alunos são “fracos” e não conseguem acompanhar, por isso é mais fácil trabalhar de forma tradicional. Mas, isso acontece, somente, na educação, porque não são levados certos princípios apontados por Edgar Morin (2005) como básicos para um ensino de qualidade, sendo que em algumas escolas

tem de ser mudados: “A supremacia do conhecimento fragmentado de acordo com as disciplinas impede frequentemente de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto” (2005, p. 14).

Isso quer dizer que o ensino tem de ser inserido em um contexto, pois não se pode deter-se apenas ao livro didático, afinal, esse não forma pessoas críticas, mas um aluno mecanizado e é isso que o ensino tradicional apresenta para os estudantes na maioria das escolas.

E, além de inserir-se, há um contexto e o professor tem de dominar e gostar do assunto, do tema que está trabalhando, pois os alunos sentem quando o professor gosta e domina o que diz. Desse modo, ele também vai se interessar e, então, vai ocorrer a troca de conhecimentos entre professor e alunos, sendo assim, o trabalho do professor passa a ser estudado de forma prazerosa tanto para os alunos quando para ele mesmo. Diante disso Paulo freire diz que “*formar* é muito mais que *treinar* o educando no desempenho de destrezas.” (1996, p. 15). Afinal, para que os alunos sejam treinados eles não precisam ir à escola, pois podem fazer isso em casa com seu material. Por isso, o professor deve ter consciência da função da escola e do papel dele em sala de aula, para, assim, passar a formar cidadãos conhecedores não só de regras gramaticais, mas usar a língua para atingir suas metas e serem reconhecidos pela sociedade.

3 MÉTODOS DE AVALIAÇÃO

Avaliar é recorrer a vários critérios para o professor certificar-se de que o aluno aprendeu o conteúdo previsto, isso quer dizer que não podemos avaliar somente de uma maneira, mas que devemos ter algo planejado para selecionar o que é mais importante e ver se o aluno consegue desempenhar com clareza o todo que ele aprendeu. Afinal, antes de propor qualquer tipo de avaliação o

professor tem que fazer o seu planejamento de acordo com o perfil do aluno que tem em sala de aula, porque, dessa forma, vai melhorar o seu ensino, como, também, a aprendizagem discente.

Nessa perspectiva, consegue-se perceber na fala de uma das professoras entrevistadas que a avaliação é feita através de provas, trabalhos individuais ou em grupos, e que, dependendo da turma, trabalha-se, também, com leitura e produção textual (na disciplina de Língua Portuguesa) e prova oral (na disciplina de Literatura), sendo que o objetivo dessa última não é avaliar o nível de conhecimento do aluno, mas certificar-se se ele colou na prova escrita, ou não. Além disso, as professoras preocupam-se mais em vencer conteúdo e seguir o cronograma da escola do que valorizar o que o aluno aprendeu ao longo da disciplina. Fica evidente também, que a forma de avaliar dessa professora é superficial, pois trabalha de forma tradicional com seus alunos, não explorando os aspectos do texto, como orienta as Matrizes de Referência de Língua Portuguesa: tópicos e seus descritores (Vol. 1), e diz que planejar o que vai ser dado leva-se muito tempo, por isso não consegue montar um plano e ensinar diferente, até porque, estão sobrecarregadas de trabalhos. Ao contrário do que acontece nas salas de aula, Morin diz que deve haver uma globalização no conteúdo, no método de ensino, afinal este não pode ser fragmentado e, a interação e o contexto devem ser levados em conta por quem os orienta.

O método de ensino e avaliativo da segunda professora não foge do da primeira, pois ensina de forma normativa e usa o método da “decoreba” para avaliar e ensinar poemas. Ou seja, ao invés dela trabalhar os poemas de forma que isso tenha um retorno e façam os alunos compreendê-los, pelo contrário, ela os manda decorar e recitar esse, muitas vezes, sem entender o que estão dizendo. Mas, isso só acontece devido a má formação docente, o que afeta no progresso do conhecimento dos alunos. Afinal, decorar e recitar um poema não vai fazer diferença para ele, mas contextualizá-lo no tempo e no espaço fará toda a diferença no nível da sua aprendizagem.

A partir disso, pode-se dizer que os alunos não são fracos, mas fracos são quem os ensina, pois o professor diz que são os alunos que não

acompanham o conteúdo, embora não é o que se constata. Os alunos têm inteligência para fazer e compreender tudo o que lhe é repassado, mas para isso eles têm de serem exigidos. Vale ressaltar que a avaliação depende do ensino e da aprendizagem que esse aluno obteve, todavia, pelo que se percebe, cobra-se mais do que se ensina.

4 SABER LINGUÍSTICO DO ALUNO NA HORA DA AVALIAÇÃO

Todo e qualquer indivíduo carrega consigo uma bagagem linguística, por isso, não existe analfabeto completo, porque a pessoa pode não saber ler e escrever, mas ela sabe utilizar a língua de acordo com o seu conhecimento de mundo. Tendo em vista isso, será que a escola leva em consideração esse conhecimento linguístico do aluno na hora de avaliar? E, isso é trabalhado na escola?

De acordo com as professoras entrevistadas, elas procuram mostrar para os alunos que não é só a forma culta da língua que é considerada correta, mas que a forma com que eles falam também não está errada, dependendo do contexto que está inserida. Quando o professor ensina e avalia-os, exige-se que seja feito na forma culta da língua, pois acredita que o aluno tem a obrigação de sabê-la, mas isso não quer dizer que não se ensine a outra. De acordo com o que elas dizem, o aluno deve entender que as duas formas são importantes e cada uma se aplica em uma circunstância diferente. Desse modo, ele consegue perceber a complexidade da língua.

A partir disso, percebe-se que apesar de trabalharem de forma tradicional, as professoras buscam aproximar seus alunos do cotidiano em que vivem e fazem isso pela linguagem. Isso também demonstra que basta querer para fazer o aluno crescer.

O espaço escolar avalia seu aluno a partir do conhecimento linguístico que ele tem e que foi adquirindo ao longo dos bimestres, mas, segundo o que se constata, a nota recebida por eles nem sempre é condizente com o ensino e

com o aprendizado que recebeu. Desse modo, percebe-se que muitos professores dão a nota pelo conhecimento que esse tem no momento da avaliação, não dando tanta importância a sua bagagem linguística. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa “a avaliação deve ser compreendida como conjunto de ações organizadas com a finalidade de obter informações sobre o que o aluno aprendeu, de que forma e em quais condições” devendo isso acontecer “durante todo o processo de ensino e aprendizagem, e não apenas em momentos específicos caracterizados como fechamento de grandes etapas de trabalho” (1998, p. 93). Dessa forma, não se deve avaliar somente com provas e trabalhos escritos num final de bimestre, mas tudo o que é produzido pelo aluno e, de várias maneiras para que ele discuta e explique tudo que aprendeu, através disso, pode-se citar: debates, seminários, apresentação de trabalhos através de recursos tecnológicos.

Ainda diante disso, o professor pode avaliar não só o conhecimento, mas a exposição oral, a postura do aluno na hora da apresentação, práticas que o aluno utilizará em sua vida escolar, acadêmica, profissional e, além disso, eles aprenderão muito mais e além, porque passam por várias etapas de ajustes, pesquisas, ensaios até à apresentação e/ou exposição de seu trabalho. Esse tipo de avaliação desenvolve no aluno a pesquisa, o seu conhecimento sobre determinado assunto, a parte escrita, oral e depois o debate entre os colegas, isso estimula a ensaiar o corpo e organizar a mente para a expressão das ideias e a comunicação entre a sociedade e evidencia para que o aluno seja autocriticamente capaz de avaliar os próprios colegas e, também, de se auto avaliarem.

5 ENSINO TRADICIONAL X NOVO ENSINO

Como foi constatado até aqui, as formas pedagógicas do ensino tradicional trazem consigo uma reputação metódica e considerada um tanto monótona. O metódico a que se refere aqui é o amontoado de informações

regradas no ensino da Língua Portuguesa, como o ensino das classes gramaticais, e da Literatura, as datas de obras, nomes de autores e épocas. Monótona, pois essa forma de ensino não atende mais aos interesses do aluno, já que sua vida é mais embasada a novas culturas e tecnologias.

Para pensar-se na mudança desses pontos negativos para o ensino-aprendizado do aluno, será abordado um dos saberes de Morin: “Conhecimento pertinente” (capítulo II, 2005), ou seja, refletir sobre o contexto em que o conhecimento se insere. Em uma entrevista feita com uma terceira professora, pode-se perceber que ela vem adotando esse novo método de ensino, quando diz que preza pela globalização, pela interdisciplinaridade. Isso se confirma no dia-a-dia dos alunos, notando-se, então, o uso que ela faz da adequação dos temas propostos em aula e a não fragmentação do ensino, que são um dos aspectos principais nesse conhecimento abordado por Morin. Nas palavras do autor, “É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido” (2005, p. 36).

Outros recursos que essa professora faz uso são a Internet e os meios de áudio, esses meios a ajudam no aprendizado de seus alunos, pois está presente na realidade deles, é algo inovador, que instiga o aluno a querer aprender, sem condicioná-lo como acontece no ensino tradicional.

Outro saber que Morin aborda, e que é importante para entendermos esse processo de transformação no ensino, deixando de lado o fragmentado e trabalhando com a dificuldade de cada aluno, é a “Condição humana” (capítulo III, 2005). Segundo o autor não se pode ver o aluno apenas de uma forma, mas também se deve levar em consideração a imagem social dele e sua bagagem cultural, para entendê-lo melhor. Ao analisar a fala da educadora, percebe-se que sua forma avaliativa leva em consideração o contexto em que o aluno está inserido, sem distinção de classes, e o conhecimento de cada aluno, de maneira que a prática educativa desta professora torna-se de grande relevância na avaliação constitutiva da prática educativa, como salienta os PCNs da Língua Portuguesa (1998, p. 93).

A partir desse depoimento, constata-se que fazer diferente na escola, buscando integrar o aluno a novas situações e utilizando as novas tecnologias,

o resultado é positivo, pois o aluno se sente motivado e valorizado. No entanto, o ensino tradicional não tem o mesmo objetivo, pois nesse método o que prevalece é o conhecimento linguístico do professor, sendo que a opinião do aluno e seu conhecimento são deixados em segundo plano.

Percebe-se, então, que há algumas escolas e/ou professores que já começaram a mudar seu pensamento e banir de suas salas de aulas o método tradicional para começar um novo processo, incluindo e instigando os alunos. Pois, essa é a proposta de Morin, embora isso aconteça em poucas escolas e com poucos professores, é a única forma de transformar o ensino em um aprendizado de qualidade, direito esse de todo aluno cidadão. Afinal, eles têm o direito de ter um ensino de qualidade, mas para isso os educadores precisam se reciclar e adaptar o novo método de ensino como aponta Morin.

A partir disso, constata-se que é possível ensinar de forma inovadora e banir de vez o ensino tradicional das escolas, construindo cidadãos autônomos e prontos para lutar por uma sociedade mais justa. Contudo, pode-se concluir que, se o aluno é empenhado, motivado e bem valorizado na escola, na sociedade ele vai atuar da mesma forma, um ser crítico, com ideias inovadoras para “transformar” o mundo, é esse o papel que o ensino globalizado tem de deixar para essas crianças e jovens.

6 PAPEL DO PROFESSOR

O papel do professor é muito importante, antes e durante o processo de avaliação, pois é através dele que o aluno vai esclarecer suas dúvidas. Outro aspecto que influencia seu aprendizado é o método avaliativo.

A maioria dos professores desenvolve provas de forma escrita, pois é mais cômodo, mas nem sempre é a melhor forma de saber se o aluno realmente tem o conhecimento que resultou a sua nota. Ou seja, o aluno pode ter decorado o conteúdo, maneira que o faz esquecer logo em seguida já que o cérebro indica que aquilo é momentâneo, e não aprendido de fato que é

duradouro e eficaz para aprender e dar continuidade a esse conhecimento, aperfeiçoando e usando para a vida. As infelizmente é isso o que acontece com a maioria dos estudantes brasileiros.

Durante a entrevista com as professoras, elas dizem avaliar sempre de dois modos diferentes: através de provas escritas, como foi citado anteriormente, e também através de pesquisas e apresentações. Esse segundo modelo de avaliação é mais amplo do que o primeiro, pois trabalha, além do conteúdo previsto, ativando o conhecimento de mundo dos alunos, fazendo com que busquem mais conhecimento, formando-se estudantes mais autônomos. Além disso, o trabalho de pesquisa e exposição compreende uma necessidade de os alunos se exporem ao grupo, de maneira que isso acarreta certa insegurança para ele se não for trabalhado de forma interativa e de maneira que o possibilite transmitir conhecimento aos outros, com ajuda do professor e não com sua visão avaliativa. É por este último aspecto que geralmente os alunos não gostam de se expor para o grande grupo, o que acaba a contrair timidez e medo de errar. Porém, essa maneira ainda é uma das melhores formas para analisar a expressão oral e a postura do aluno. Afinal, o aluno carrega consigo, não somente, os conteúdos linguísticos e gramaticais, mas também tudo o que foi aprendido na escola até então.

A prova oral e trabalhos em grupo são exemplos de avaliações pouco utilizadas, mas com grande nível de conhecimento em exercício. Na prova oral, por exemplo, não tem como o aluno colar e fazer de conta que sabe, pois o professor estará avaliando a interpretação, a leitura que o aluno fez de determinado conteúdo, assim como, seu poder de argumentação e domínio do conteúdo explanado. Nos trabalhos em grupo é pouco praticado pelos professores, devido ao agitação dos alunos, pois ativa a troca de conhecimento e a discussão do conteúdo entre eles, assim como as diferenças de posicionamentos que levam o aluno a refletir sobre sua própria opinião. Além disso, depois da apresentação para o grande grupo, os alunos sentir-se-ão mais seguros, dividindo com alguém o seu espaço.

Nesse contexto, pode-se dizer que não se pode olhar para o conhecimento do aluno somente de uma forma, pois podemos prejudicá-lo, até

pelo fato de que há pessoas que preferem e se expressam melhor falando que escrevendo. Isso é um elemento importante que deve ser levado em conta na hora da avaliação, pois o papel do professor é o modo como ele vai cobrar do seu aluno o que ele passou.

7 CONCLUSÃO

A língua é muito ampla e nem sempre os professores conseguem passar tudo que gostariam e da forma que gostariam, por isso deixam a desejar em alguns pontos, embora façam com dedicação. A partir de tudo que foi visto, constata-se que o ensino tradicional não é a melhor forma de trabalhar e avaliar os alunos, pois deixa muito a desejar em todos os aspectos da língua, porque se detêm na pura gramática, nomenclaturas e datas, fazendo com que os alunos fiquem deficientes em outros aspectos dessa. A avaliação também é embasada nisso, sendo que a nota nem sempre está de acordo com o nível de conhecimento do aluno. No entanto, pelo que se percebe, os professores já estão tomando conhecimento dessa situação e estão tentando adaptar novos métodos de ensinar e avaliar de acordo com a realidade de cada aluno. Portanto, acredita-se que, se os professores se reciclassem e seguissem os bons exemplos dos novos educadores que estão no mercado com ideias novas e projetos significativos para o ensino-aprendizagem, a educação não estaria tão precária, e os buracos que há nessa, apontados por Morin (2005), não seriam tão grandes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 1 ed., 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007. : ISBN 9788572443098

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 14 ed; Ed – São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165 p.

MORIN, Edgar; CARVALHO, Edgar de Assis (Rev.). *Os sete saberes necessários à educação do futuro.*/tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; 10 ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

Referenciais curriculares - Volume 1 - Linguagens Códigos e suas Tecnologias: Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira Moderna (Inglês e Espanhol) (formato .pdf - 9,8 Mb) disponível em http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/refer_curric.jsp?ACAO=acao1